

Um estranho tão familiar, de George Amaral: estranhamento, ficção e história

Um estranho tão familiar, by George Amaral: estrangement, fiction and history

Um estranho tão familiar, por George Amaral: extrañamiento, ficción e historia

Fabiana Alves Dantas¹

 [0000-0002-3543-5341](https://orcid.org/0000-0002-3543-5341)

Amaral, George. **Um estranho tão familiar: teorias e reflexões sobre o estranhamento na ficção**. São Paulo: Bandeirola, 2023.

George Amaral possui formação em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo (USP), enveredando pelo campo da Teoria Literária em seus cursos de Mestrado e Doutorado pela mesma instituição. Entre seus interesses como pesquisador está a questão do estranhamento na ficção, a partir do qual desenvolveu sua obra *Um estranho tão familiar: teorias e reflexões sobre o estranhamento na ficção*, publicada em 2023 pela Bandeirola, editora paulista especializada em publicações clássicas e contemporâneas de gêneros como a ficção científica e a ficção insólita, bem como ensaios e críticas. A recente publicação mencionada é uma contribuição relevante não só para o campo dos estudos literários, área a qual o autor se dedica, uma vez que muitas de suas reflexões são pertinentes aos estudos que versam acerca das relações entre História e Ficção.

A proposta geral da obra é tomar como objeto de reflexão o mecanismo do estranhamento na ficção, seja ela literária ou de outro tipo, embora se dê mais atenção ao primeiro. O autor cita, já na introdução, a capacidade da arte no que concerne a revolucionar o pensamento, diminuindo o automatismo como o ser humano vê a vida. Com isso, indica sua proposta de desenvolver suas reflexões sobre o estranhamento a partir do estudo de diversos autores, de diferentes campos do conhecimento, articulando “[...] a ideia de que o efeito ou sensação de estranhamento pode surgir a partir da relação ambígua entre algo que é ao mesmo tempo familiar, mas estranho” (Amaral, 2023, p. 21). O estranhamento é, então, compreendido como um recurso a ser usado para provocar reflexões:

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Lattes: [3501097795127741](https://lattes.cnpq.br/3501097795127741) - E-mail: fabiana.dantas03@gmail.com.



[...] o estranhamento não é um mecanismo que delimita categorias, gêneros ou modos narrativos, mas, sim, um recurso que articula forma e conteúdo para propiciar um efeito específico capaz de despertar reflexões sociais e históricas; pode ser empregado pelas mais variadas produções ficcionais, sejam narrativas miméticas ou não, realistas ou insólitas, que abordem um mundo próximo ao real ou paisagens oníricas de cenários imaginários (Amaral, 2023, p. 22).

No primeiro capítulo, Amaral (2023) inicia indicando que as primeiras discussões sobre o estranhamento na literatura datam do Romantismo inglês do século XVIII, identificando a relevância do pensamento de Samuel Coleridge, poeta e crítico literário que foi uma importante liderança do movimento romântico britânico. A partir desse autor, o pesquisador brasileiro identifica que:

[...] o estranhamento em suas variadas manifestações é um recurso capaz de promover um novo olhar para a realidade, removendo o véu de familiaridade que nos impede de ver o mundo como ele é de fato. Isso pode se dar tanto em um conteúdo sobrenatural ou imaginário tratado com recursos de familiaridade e verossimilhança quanto em textos calcados no real, mas que promovem encantamento e estranhamento. O primeiro tipo nos aproxima da ficção fantástica ou insólita; o segundo aparece nas melhores obras realistas (Amaral, 2023, p. 25).

Tal perspectiva de pressupostos psicanalíticos é apontada como algo comum na literatura, pois o ponto de vista das personagens perpassa os “[...] meandros de significação interior, dando ao leitor a percepção de como o inconsciente influencia o que é captado pelos sentidos” (Amaral, 2023, p. 28). De fato, no âmbito da pesquisa histórica que versa sobre as relações entre História e Literatura, pode-se encontrar a presença dessa noção em trabalhos como, por exemplo, *História e psicanálise: entre ciência e ficção*, de Michel de Certeau (2011). Nela, o historiador francês discute as relações entre História e Literatura a partir das contribuições do psicanalista Sigmund Freud, defendendo que

[...] a literatura é o discurso teórico dos processos históricos. Ela cria o não lugar em que as operações efetivas de uma sociedade têm acesso a uma formalização. Bem longe de considerar a literatura como a “expressão” de um referencial, conviria reconhecê-la como algo de análogo ao que os matemáticos foram, durante muito tempo, para as ciências exatas: um discurso “lógico” da história, a ficção que a torna pensável (Certeau, 2011, p. 92).

O segundo capítulo apresenta a ideia de que a infamiliaridade não ocorre da mesma forma a todas as pessoas, em geral, por razões sociais, culturais e históricas. Para o autor, nem todos querem passar pelas sensações que envolvem o infamiliar e um dos fatores de resistência quanto a isso é a dificuldade para aceitar o que é novo, sendo que é “[...] a forma como se descreve algo de uma maneira não usual que provoca o estranhamento e, conseqüentemente, uma nova percepção da realidade” (Amaral, 2023, p. 31). Um ponto de



atenção do autor é pensar que a infamiliaridade costuma ser aceita em obras de arte, incluindo a literatura que causa estranhamento, pois a sensação é experimentada sem a ansiedade quanto a ter que lidar com acontecimentos reais.

Nota-se, portanto, que esse argumento presente no segundo capítulo da obra em comento sinaliza a relevância do contexto histórico com relação à recepção das obras, o que é de significativo valor para as discussões historiográficas acerca da produção de representações. Isso se dá especialmente no campo da História Cultural, no qual são relevantes conceitos como *representação*, *imaginário*, *narrativa*, *ficção* e *sensibilidades*, sendo pertinente destacar o potencial de textos literários para acessar as sensibilidades de uma época (Pesavento, 2003).

Vale ressaltar que esse campo de estudos tem recebido notória atenção entre os historiadores brasileiros. O trabalho citado de Pesavento (2003) já indicava, no momento de sua publicação, essa notoriedade no início do século XXI, observando-se, atualmente, a continuidade das discussões teórico-metodológicas a respeito da ideia de ficção e de como ela, no âmbito da literatura, pode ser analisada pelos historiadores interessados na cultura. Um texto recente de Giovana Maria Carvalho Martins & Marlene Rosa Cainelli (2015) ressalta, por exemplo, a compreensão vinculada à História Cultural de que a ficção literária apresenta “[...] situações que foram muito comuns à época em que o livro se passa, ou ainda personagens baseados em uma ou várias pessoas que de fato viveram” (Martins & Cainelli, 2015, p. 3892).

Para citar outro exemplo relevante desse campo de estudos, um autor que tem contribuído notoriamente para as discussões nessa esfera, observando-se considerável recepção de suas obras no Brasil, é o francês Ivan Yablonka. Em *La historia es una literatura contemporánea: manifiesto por las ciencias sociales* (2016), este autor defende a ideia de que literatura também consegue explicar o real, por ser dotada de ferramentas de inteligibilidade que possibilitam compreender presente e passado. Tal ponto de vista dialoga com os apontamentos do conhecido trabalho de Pesavento (2003) e de discussões recentes realizadas por pesquisadores como Martins & Cainelli (2015) acerca do potencial da literatura como fonte histórica, uma vez que, na compreensão de Yablonka (2016), ela apresenta uma possibilidade de conhecimento histórico, sociológico e antropológico.



Ainda no capítulo dois da obra em comento, a relação entre o real empírico e o infamiliar na ficção é discutida com amparo teórico do psiquiatra alemão Ernst Jentsch e do psicanalista austríaco Sigmund Freud. Ambos distinguem o infamiliar vivenciado (raro no dia a dia, caracterizado por situações com potencial para causar a sensação de infamiliaridade a partir do retorno de complexos infantis recalcados ou de crenças primitivas “superadas”) do infamiliar imaginado por meio da literatura (mais rico e que pode surgir em situações mais diversas). Assim, a relação entre o real e o infamiliar é descrita do seguinte modo:

O real que surge quando o infamiliar se manifesta pode dizer respeito a várias instâncias diferentes da realidade, tanto em caráter pessoal, revelando algo sobre o sujeito antes ignorado por ele, quanto social, quando desvela as engrenagens por trás dos processos históricos escondidos pelo automatismo da percepção. Ao mesmo tempo, saber mais a respeito de si mesmo sempre será um passo para se aprofundar no conhecimento sobre o outro e sobre o mundo que nos cerca (Amaral, 2023, p. 52).

Já no terceiro capítulo, o autor discorre sobre o conceito de *ostranenie* (termo russo que pode ser traduzido como estranhamento ou singularização), desenvolvido pelo formalista russo Victor Chklovski, destacando seu potencial para provocar o estranhamento na ficção literária. Esse potencial é exemplificado com a análise de textos de Liev Tolstói, China Miéville e Aline Valek, nos quais tais escritores utilizam o rompimento com o automatismo acerca de questões cotidianas como estratégia para promover aquilo que Amaral (2023) julga ser um papel da arte quanto a romper com a “não vida” que é viver sob o automatismo. Acerca disso, ele destaca a necessidade de “[...] uma grande capacidade de distanciamento e abstração para desautomatizar o pensamento e retirar o véu de familiaridade sobre a realidade que nos cerca” (Amaral, 2023, p. 60).

No quarto capítulo, Amaral (2023) volta-se ao pensamento do semiólogo francês Roland Barthes, por este ter pensado a relação entre familiarização e automatismo no âmbito da linguagem, focalizando especialmente a interpretação saussuriana desse teórico sobre o signo ser sempre uma questão de convenção histórica e social. Assim, Amaral (2023, p. 65) identifica uma proximidade entre as ideias desse autor com sua discussão sobre o estranhamento: “A ideia de que um signo possa se passar por ‘natural’ nos remete à questão da familiaridade e do automatismo, daí a importância de abordar a teoria de Barthes sob a perspectiva do estranhamento”. Para aprofundar a discussão, o pesquisador brasileiro discorre sobre o conceito de mito formulado pelo teórico francês, entendendo-o como “[...] um



sistema formal de comunicação, o qual, sendo uma forma, pode ser preenchido com qualquer conteúdo” (Amaral, 2023, p. 65). Relacionando o estranhamento com esse conceito, afirma:

Nesse sentido, devemos lembrar que os estranhamentos, ou a potência de um objeto, ação ou situação real ou imaginário causar estranhamento - ou infamiliaridade, afastamento, distanciamento - são da mesma maneira históricos, variam com o momento e ambiente histórico, cultural, regional (Amaral, 2023, p. 66).

Aqui, é possível observar como as maneiras de estranhar algo são também históricas, definidas com base no contexto social e cultural da época e espaço em que o leitor está situado. No campo da História Cultural, existe uma compreensão semelhante que aponta a cultura como uma “[...] forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa” (Pesavento, 2003, p. 15). Amaral (2023) complementa sobre essa questão:

O que estranha ocidentais pode não estranhar os orientais, e assim por diante. O que nos estranha hoje pode não nos estranhar amanhã. Costumes e visões de mundo se alteram e, conseqüentemente, o que pode ser considerado familiar ou estranho. Mesmo em alguns casos nos quais o potencial de estranhamento ou infamiliaridade é maior, como, por exemplo, em relação aos temas que envolvem a morte, ainda assim poderá haver um dia em que a humanidade supere esse medo, essa incerteza. Há culturas em que a morte é bem-vista, o que não quer dizer automaticamente que não cause estranhamento (Amaral, 2023, p. 66).

O capítulo é finalizado com um comentário do pesquisador brasileiro sobre o que justifica, para ele, a própria literatura ser em si um conceito mítico:

A literatura em si mesma, enquanto conjunto de obras que constitui essa modalidade de arte ao longo dos séculos, traz um conceito mítico, que engloba o texto e distorce o sentido do discurso ali presente. Podemos pensar, nesse sentido, que as divisões em gêneros ou categorias literárias, por exemplo, também constituem conceitos míticos; se um livro está na estante de ficção científica será previamente percebido de maneira diferente dos demais, sendo lido e compreendido segundo certas expectativas (Amaral, 2023, p. 74).

No quinto capítulo, o autor discute o estranhamento a partir do conceito de efeito-V (que tem um sentido próximo ao de afastamento ou desfamiliarização), desenvolvido pelo dramaturgo alemão Bertold Brecht. Apresentando relação com o *ostranenie* dos formalistas russos discutidos em um capítulo anterior da obra, o efeito-V é observado no teatro épico de Brecht, no qual “[...] há uma quebra na suspensão da descrença, na ilusão e na empatia. O espectador é convocado a retomar sua descrença e voltar a enxergar tudo o que acontece sobre o palco” (Amaral, 2023, p. 80). Conforme explica Amaral (2023, p. 81), o efeito-V, apesar de influenciado pelo formalismo russo, apresenta uma diferença em relação a ele:



[...] o dramaturgo está preocupado com a familiaridade que leva ao automatismo em relação ao modo de produção burguês, às relações sociais e de trabalho. O efeito, portanto, ressalta o potencial político do estranhamento, na expectativa de que o despertar de um novo olhar sobre a realidade seja ao mesmo tempo uma denúncia e uma motivação para transformações sociais.

Por fim, o efeito-V é apresentado como uma oportunidade de desenvolver a história como estranhamento:

A partir do momento em que uma conjuntura é entendida como histórica, ou seja, como resultante de certas condições do passado e causadora de uma nova situação futura, é possível ter a percepção de que outros momentos históricos existiram e desapareceram ao longo dos milênios e, talvez, quem estivesse inserido em cada um desses momentos pensasse que vivia uma situação imutável, que tudo continuaria como sempre era (Amaral, 2023, p. 83).

O capítulo seis discute a definição de estranhamento cognitivo elaborada pelo iugoslavo Darko Roland Suvin, importante teórico no campo de pesquisas sobre ficção científica. O estranhamento cognitivo diz respeito à visão de Suvin sobre um estranhamento que constituiria “[...] a estrutura formal da ficção científica enquanto gênero literário e serve como delimitador para diferenciá-la de outros gêneros não miméticos, como a fantasia e o horror” (Amaral, 2023, p. 87). O autor destaca como essa definição foi elaborada de maneira contraditória por atribuir o estranhamento ao âmbito da ficção não mimética, enquanto outros autores identificam a literatura mimética (chamada por Suvin de “naturalista”) como narrativas que também possuem o potencial de causar estranhamento nos leitores. Em todo caso, em Suvin, a ficção científica distingue-se por ser ela a única a basear-se “[...] na possibilidade de reflexão e de utilização da imaginação como meio para conhecer e entender as tendências latentes na realidade, sempre por um viés científico” (Amaral, 2023, p. 89).

São apresentadas algumas das críticas feitas ao estranhamento cognitivo e Amaral (2023) observa que, atualmente, apesar de ainda influenciar muitos estudos sobre a ficção científica, existem muitas contestações que evidenciam como tal teoria não se sustenta, justamente em razão de o estranhamento ser um efeito possível em diversos gêneros literários, incluindo as narrativas insólitas que são vistas por Suvin como uma subliteratura escapista e de mistificação. Em contrapartida, outros autores, como o próprio Amaral (2023), identificam o potencial do insólito ficcional para causar estranhamento e questionamento da realidade. Inclusive, por causa da visão de Suvin, as narrativas insólitas ficaram por muito tempo em uma posição secundária no âmbito das pesquisas acadêmicas. Assim, o argumento de Amaral (2023) que ressalta o potencial de narrativas insólitas para causar estranhamento



tanto quanto a ficção científica e outros gêneros literários condiz com o fato de que a concepção de estranhamento defendida em sua obra não se restringe a um único gênero:

Assim, as narrativas insólitas, em suas mais variadas formas e manifestações, podem conter o tipo de estranhamento que temos defendido ao longo deste estudo, que propicia uma renovada visão sobre a realidade que nos cerca. Entretanto, não devemos restringir ao insólito essa capacidade, ainda que as possibilidades e recursos disponíveis a essas narrativas sejam mais amplos do que para as miméticas ou sólitais - monstros, criaturas sobrenaturais e mundos secundários fornecem material inesgotável para o despertar do estranhamento. Isso não impede, como vimos até aqui, que o estranhamento emergja das mais usuais e familiares histórias, dependendo da maneira com que o texto é articulado para enfatizar essa tensão entre o que é familiar e estranho. O estranhamento trata-se, portanto, de um efeito promovido pelo texto, não de uma convenção de gênero ou de uma característica intrínseca a apenas um ou outra categoria ficcional, ainda que em algumas delas sua presença seja mais recorrente (Amaral, 2023, p. 96).

Finalmente, no sétimo e último capítulo da obra, é discutido o papel do estranhamento na ficção contemporânea, em meio às discussões em torno da existência de uma nova era geológica chamada de Antropoceno e os riscos referentes à crise climática. Vale ressaltar que a literatura no Antropoceno é um tema caro ao autor, uma vez que este defendeu recentemente uma tese de doutorado intitulada *A forma do romance no Antropoceno: mutações do realismo formal diante da crise ecológica* (2025). Desse modo, a importância de discutir tal aspecto considerando uma nova era geológica se explica por ser

[...] essencial que passemos por um processo de estranhamento, de desfamiliarização ou afastamento desses modos de pensamento difundidos com a modernidade e que se tornaram tão familiares a ponto de serem aceitos como verdades imutáveis. Para começar esse processo, a literatura e as artes podem exercer esse papel fundamental (Amaral, 2023, p. 98).

Para aprofundar a discussão, Amaral (2023) focaliza o que a filósofa e zoóloga Donna Haraway chama de *SF*, um tipo de narrativa caracterizada por: “[...] tanto contar histórias de ficção quanto relatar fatos; é a tessitura de mundos possíveis e tempos possíveis, mundos de materialidade semiótica, tanto os que já foram, quanto os que estão aqui e os que ainda estão por vir” (Amaral, 2023, p. 100). A importância desse tipo de narrativa, na visão de Amaral (2023), se justifica em razão de não se tratar

[...] apenas um tipo de ficção, mas um recurso, entre outros, que sustenta a nossa capacidade de escapar, de mudar de perspectiva, de ponto de vista, de experimentar com a confiança de que as coisas não eram, não são, e não têm de ser do jeito que sempre foram. Ou seja, um recurso de estranhamento da realidade e de abertura de espaço para novas formas de enxergar o mundo (Amaral, 2023, p. 102).

Assim, o autor defende o potencial dessas narrativas para provocar mudanças significativas, inclusive identificando semelhanças entre o estranhamento possibilitado por



elas com outros conceitos apresentados ao longo da obra. Termina indicando outros gêneros não miméticos como algo próximo da proposta da *SF*, reforçando seu papel como ficção capaz de provocar o estranhamento e contribuir com transformações sociais:

E, nesse ponto, desempenham papel fundamental a fantasia e a ficção científica, e outras obras do insólito ficcional que se aproximam das *SF*. São narrativas que permitem especulações, extrapolações e reflexões que nos colocam em contextos que vão além da nossa realidade e presente histórico - e, às vezes, até além do nosso sistema solar -, mas que, em última instância, dizem respeito a possíveis modificações justamente no contexto em que estamos inseridos, ativando a possibilidade de um olhar distanciado e, por conseguinte, crítico (Amaral, 2023, p. 114).

Por fim, as conclusões do autor afirmam a importância de entender o estranhamento como um efeito provocado no leitor e, assim, se torna necessário levar em conta o seguinte: “Autor, obra e leitor possuem cada um o seu papel, sempre pensados em um contexto histórico” (Amaral, 2023, p. 116). O autor finaliza reforçando a amplitude que o efeito do estranhamento pode alcançar, não restringindo-se a um gênero literário, nem mesmo à própria literatura:

Ressaltamos não se tratar de um dispositivo específico de um gênero, modo ou categoria da literatura; mais ainda, facilmente pode estar presente em narrativas em outros suportes, como cinema e quadrinhos. Não é, como vimos no capítulo a respeito do efeito de infamiliaridade, uma sensação provocada apenas pela ficção, mas que pode se impor sobre nós mesmos na realidade cotidiana. Sendo assim, narrativas não ficcionais, como biografias e relatos históricos, também podem se valer do recurso do estranhamento (Amaral, 2023, p. 115).

Diante do exposto, é possível concluir que a definição de estranhamento defendida em *Um estranho tão familiar: teorias e reflexões sobre o estranhamento na ficção* apresenta aproximações com objetivos comuns a historiadores do cultural, especialmente aqueles que trabalham com narrativas ficcionais, sejam elas da literatura, cinema, teatro, dentre outras. Se a História Cultural se preocupa com o estudo de “[...] um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (Pesavento, 2003, p. 15), certamente as narrativas ficcionais que primam pelo estranhamento como recurso para quebrar o automatismo, desnaturalizando questões diversas, constituem um campo de estudos frutífero para a compreensão da produção de sentido associada a elas, bem como sua recepção em dado contexto histórico. Assim, pensar o estranhamento na ficção também é possível no campo da historiografia, razão pela qual a obra de George Amaral (2023) é uma contribuição pertinente para historiadores interessados no tema.



Referências

Amaral, George. **Um estranho tão familiar**: teorias e reflexões sobre o estranhamento na ficção. São Paulo: Bandeirola, 2023.

Amaral, George. **A forma do romance no Antropoceno**: mutações do realismo formal diante da crise ecológica. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada). São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2025.

Certeau, Michel de. **História e psicanálise**: entre ciência e ficção. 2 Ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

Jablonka, Ivan. **La historia es una literatura contemporánea**: manifiesto por las ciencias sociales. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016.

Martins, Giovana Maria Carvalho & Cainelli, Marlene Rosa. O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história. *In*: VII Congresso Internacional de História. Maringá: **Anais do VII Congresso Internacional de História – UEM**, 2015, p. 3889 - 3901.

Pesavento, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Submetido em: 10 de março de 2025

Avaliado em: 21 de março de 2025

Aceito em: 10 de abril de 2025